

# A NOVA ERA DOS FESTIVAIS

Como nos anos 60, os novos talentos da MPB explodem em shows coletivos pelo Brasil afora. Praticamente ignorado pela TV, o fenômeno arrasta um público estimado em 250 mil pessoas por ano. POR JOSÉ FLÁVIO JÚNIOR

**E**xaltar a era dos festivais – onde surgiram grandes nomes da MPB como Caetano Veloso e Chico Buarque – é um argumento clássico dos saudosistas. Bem, agora eles não têm mais do que sentir saudade: a era dos festivais está de volta. Nunca houve tantos festivais de música popular no Brasil, nem mesmo no tempo em que Nara Leão usava saia acima do joelho e Sérgio Ricardo atirava o violão na plateia. Em geral realizados em capitais brasileiras fora do eixo Rio-São Paulo, pelo menos 38 são vinculados à Abrafin, Associação Brasileira de Festivais Independentes (sim, existe até uma entidade que reúne dados sobre o assunto). De acordo com a Abrafin, em 2008 cerca de 800 artistas se apresentaram em eventos como o Bananada – cuja próxima edição ocorrerá neste mês em Goiânia –, o Rec-Beat, em Recife, e o Calango, em Cuiabá. Estima-se que tenham reunido, ao todo, um público da ordem de 250 mil pessoas.

No essencial, os festivais do século 21 têm a mesma função dos realizados na década de 1960: revelar novos talentos. No restante, e a começar pelo fato de que não são competitivos, são completamente diferentes. Essas diferenças estão ligadas às mudanças que o mundo da música experimentou nos últimos anos. A década de 60 do século passado foi o período em que a televisão se consolidou como principal meio de divulgação de música popular, superando o rádio. Os festivais eram promovidos por emissoras como a Tupi e a Excelsior. Quando apareciam na televisão, artistas como Caetano Veloso e Chico Buarque passavam a fazer parte de uma espécie de *mainstream* da música e, assim, conseguiam contratos com

FOTOS DIVULGAÇÃO / J. TAVARES MEDEIROS

André Gonzáles, vocalista do Móveis Coloniais de Acaju, em show no Goiânia Noise. O grupo é uma das revelações da nova música que surge nos festivais



Gilberto Gil no Festival da Record de 1967. Naquela época, a televisão era o principal veículo de divulgação da música

## 3 DIFERENÇAS ENTRE OS FESTIVAIS ANTIGOS E OS NOVOS...

1. Os festivais da canção promoviam competições entre compositores e intérpretes. Os festivais independentes são simples mostras, sem premiações.
2. Os lendários festivais aconteciam nos grandes centros, enquanto os novos estão espalhados pelo Brasil, em cidades como Goiânia, Recife e Belém.
3. A televisão era a grande aliada dos festivais da canção. Os festivais de hoje são notícia principalmente em blogs e em sites que observam a movimentação da cena alternativa.

## ...E 1 SEMELHANÇA

1. Os festivais revelavam e seguem revelando novos artistas: ontem, Gilberto Gil, Edu Lobo e Chico Buarque; hoje, Móveis Coloniais de Acaju, Macaco Bong e Cérebro Eletrônico.



**OUÇA** podcast de José Flávio Júnior sobre as revelações em [www.revistabravo.com.br](http://www.revistabravo.com.br)

## OS 5 FESTIVAIS MAIS IMPORTANTES DA ATUALIDADE

1. **Bananada** (Goiânia – GO) O festival que acontece neste mês aposta em destaques da MPB como Rubinho Jacobina e Romulo Fróes. O rock é bem representado pelo local Black Drawing Chalks e pelo rondoniense Hey Hey Hey!
2. **Se Rasgum** (Belém – PA) Em 2008, o Se Rasgum achou sua fórmula definitiva, mesclando destaques independentes de todo o país com atrações de tecnobrega.
3. **Calango** (Cuiabá – MT) Atualmente, é o festival que mais dá espaço para o hip hop de vanguarda. Em edições anteriores, revelou as bandas Macaco Bong e Vanguard.
4. **Rec-Beat** (Recife – PE) O festival rola durante o carnaval. Numa mesma edição, pode juntar uma orquestra de tango, uma nova voz da MPB e a sensação alternativa.
5. **Goiânia Noise** (Goiânia – GO) Em novembro, o Noise realizará sua 15ª edição. Foi um dos primeiros a apostar em bandas como Kassin + 2 e Guizado, que estão entre as mais ousadas do cenário nacional.

## OS 5 FESTIVAIS MAIS PROMISSORES

1. **El Mapa de Todos** (Brasília – DF) A proposta é reunir artistas de toda a América do Sul, Espanha e Portugal. A segunda edição deve rolar no segundo semestre.
2. **No Ar Coquetel Molotov** (Recife – PE) Com a decadência do Abril pro Rock, o No Ar virou uma das melhores fontes de música nova no Nordeste. Foi palco do primeiro encontro entre Marcelo Camelo e Mallu Magalhães.
3. **Vaca Amarela** (Goiânia – GO) Em 2008, o Vaca Amarela escalou Lanny Gordin, o guitarrista-símbolo da tropicália, para ser uma das atrações principais. A grande cria do evento é o alegre trovador Diego de Moraes.
4. **PMW** (Palmas – TO) Este ano, o PMW reunirá Pato Fu, Mundo Livre e a revelação Nevilton, de Umarama (PR).
5. **Quebramar** (Macapá – AP) Mais afastado do eixo, tem na banda local Mini Box Lunar seu principal chamariz.



A cantora **Fernanda Popsonic**, do **Lucy & The Popsonics**, em ação no **Bananada**, em Goiânia. O festival, que tem nova edição neste mês, aposta no rock e na MPB

grandes gravadoras. Hoje o conceito de *mainstream* não existe mais. A internet vem substituindo o rádio e a televisão como principal meio de divulgação de música. As gravadoras enfrentam dificuldades financeiras, e os artistas, novos ou não, sobrevivem sobretudo de shows. É justamente esta uma das principais funções dos novos festivais: ver quem se sai bem no teste do palco.

O presidente da Abrafin, Fabrício de Almeida Nobre, de 30 anos, é vocalista da banda de rock goiana MQN. Colocou de pé seu primeiro festival porque queria um palco para tocar. O evento que ele tinha como modelo era o pernambucano Abril pro Rock, uma espécie de precursor da nova era dos festivais, que acaba de realizar sua 18ª edição. Contemporâneo do movimento manguêbit, o APR revelou de cara Chico Science e Mundo Livre S/A. Em anos seguintes, deu visibilidade a grupos como Mombojó e Los Hermanos. Hoje, o festival não atravessa sua melhor fase, apresentando uma programação bastante enxuta e menos atraente do que a dos “rivais” Rec-Beat e o No Ar Coquetel Molotov, ambos sediados em Recife.

Para Fabrício, uma das principais contribuições da Abrafin foi ajudar a formatar um calendário nacional de festivais. As datas dos eventos são publicadas no site da associação ([www.abrafin.org](http://www.abrafin.org)), que também explica os conceitos de cada festival e informa quem são seus responsáveis. Ainda que a crise mundial tenha empurrado para o segundo semestre vários eventos que deveriam ocorrer no primeiro, ela não ameaça a continuidade dos que já estão estabelecidos. “A melhor definição para um festival independente é: independentemente do que aconteça, ele acontece”, diz Fabrício.

Para uma banda iniciante, os festivais podem ser estratégicos, uma vez que reúnem tribos distintas na plateia. O grupo de rock Móveis Coloniais de Acaju, de Bra-

sília, resolveu em 2005 que investiria tudo nesse circuito, com os nove integrantes custeando o alto preço das viagens. A banda começou tocando, nos piores horários, em festivais como o extinto Curitiba Rock Festival. Graças a performances interativas e arrebatadoras, o Móveis foi conquistando fãs e hoje é chamado para ser a atração principal em vários eventos. Os produtos com o logotipo do grupo disponíveis nas barraquinhas vão de abridores de garrafas até espelinhos femininos. Tanto destaque nessa cena rendeu um contrato com a gravadora Trama, que lança o segundo álbum dos brasileiros neste mês (*leia a resenha na página 49*).

Muitos desses festivais nasceram totalmente dedicados ao rock. Mas outras expressões musicais – muitas regionais, caso do tecnobrega e da guitarrada no Se Rasgum, de Belém, e do siriri e do cururu no Calango, de Cuiabá – foram ganhando espaço, sem alienar os adeptos do som mais pesado. É o inverso do que aconteceu nos festivais dos anos 60, cuja audiência rechaçava flertes com a “música americana”. No Festival Internacional da Canção de 1968, Caetano Veloso lançou uma diatribe contra os que o apupavam durante a execução de *É Proibido Proibir*, em ruidoso arranjo dos Mutantes. Ficou famosa a passagem “Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês não estão entendendo nada!”. Que bom que Caetano está vivo para ver que o futuro é muito melhor do que aquele previsto em seu discurso. A juventude entendeu tudo. E está fazendo acontecer. **¶**

### ONDE E QUANDO

**Festival Bananada.** Centro Cultural Martim Cererê (rua 94-A, Setor Sul, Goiânia, GO, tel. 0++/62/212-5315), a partir das 17h. Dias 22, 23 e 24. R\$ 20 (por dia). [www.myspace.com/bananada](http://www.myspace.com/bananada).

FOTO DIVULGAÇÃO

## 5 BANDAS REVELADAS RECENTEMENTE NOS FESTIVAIS

1. **Móveis Coloniais de Acaju** (Brasília – DF) Dona de uma ótima performance ao vivo, a banda investiu pesado nesse circuito para ampliar seu público.
2. **Macaco Bong** (Cuiabá – MT) O trio instrumental teve o disco mais celebrado de 2008 (*Artista Igual Pedreiro*). No momento, amarra uma turnê pela América do Sul.
3. **Do Amor** (Rio de Janeiro – RJ) Lidando com gêneros inusitados para a esfera roqueira – como o carimbó e a lambada –, o quarteto carioca foi uma das sensações nos palcos independentes em 2008.
4. **Cérebro Eletrônico** (São Paulo – SP) A banda lançou o segundo álbum no ano passado e fez apresentações elogiadíssimas no Bananada e no Calango.
5. **Lucy & The Popsonics** (Brasília – DF) Depois de pegar cancha nos festivais daqui, a dupla eletrônica realizou turnês pela Europa e Estados Unidos e promete CD novo para os próximos meses.

## 5 DICAS PARA ARTISTAS QUE DESEJAM ENTRAR NO CIRCUITO

1. **Tenha iniciativa.** Leia tudo sobre os festivais, começando pelo site da Abrafin ([www.abrafin.org](http://www.abrafin.org)), que fornece o contato de produtores envolvidos nessa cena.
2. **Participe desses eventos como espectador.** Isso é fundamental para aumentar sua rede de contatos e entender a lógica do meio.
3. **Invista dinheiro nas primeiras viagens.** Você é quem precisa do evento, não é o evento que precisa de você.
4. **Esteja em todos os sites que disponibilizam músicas,** mas também produza CDs e camisetas – esses itens podem ser vendidos nos festivais e ajudar a custear sua viagem.
5. **Ensaie muito e tenha um show espetacular.** Se sua performance for memorável, certamente o público clamará pelo seu retorno no futuro. E aí você poderá, finalmente, cobrar um cachê decente.